

CAPÍTULO 1

O TEATRO DE BONECOS NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: EXPERIÊNCIA EMPÍRICA E REFLEXÕES

Túlio Garcia de Souza

Patrícia Binkowski

RESUMO: A linguagem do Teatro com Bonecos tem divertido, encantado e levado conhecimento e informação ao seu público há séculos e tem a sua importância reconhecida em diversas culturas mundo afora. A ludicidade da linguagem dos bonecos é poderosa, atemporal e acessível a qualquer público, e pode desempenhar um importante papel social e educativo, promovendo o acesso as manifestações artísticas, democratizando esta ferramenta de sociabilização e de linguagem transversal. O teatro também tem sido um espaço onde se faz educação ambiental. As discussões nos diversos fóruns globais sobre o meio ambiente apontam para a educação ambiental como peça fundamental para a mudança de paradigma no nosso modo de vida para a sobrevivência no planeta. Este trabalho tem como objetivo geral resgatar a história e trajetória de dois grupos de teatro de bonecos que se destacam/destacaram em relação à temática da educação ambiental no Rio Grande do Sul (RS). A pesquisa teve abordagem qualitativa e lançou mão das

seguintes técnicas: pesquisa documental, entrevistas e relato de experiência. Constatou-se que a partir dos anos 2000 houve um grande hiato nas ações artísticas envolvendo educação ambiental, onde o Estado deixou de incentivar políticas com a temática ambiental. Porém, percebe-se que o momento atual é de retomada das ações por artistas e grupos de Teatro, a partir dos editais de incentivo à Cultura, mobilizando novamente a educação ambiental. Por fim, se observou, por meio da trajetória dos dois grupos de teatro de boneco pesquisados, o quanto o teatro é uma ponte entre a arte e a educação.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Educação; Ambiente; São Francisco de Paula.

PUPPET THEATRE IN
ENVIRONMENTAL EDUCATION:
EMPIRICAL EXPERIENCE AND
REFLECTIONS

ABSTRACT: The language of Puppet Theater has been fun, enchanting and has brought knowledge and information to its audience for centuries and its importance is recognized in different cultures around the world. The playfulness of the puppets' language is powerful, timeless and

accessible to any audience, and can play an important social and educational role, promoting access to artistic manifestations, democratizing this tool of socialization and transversal language. The theater has also been a space where environmental education is carried out. Discussions in the various global forums on the environment point to environmental education as a fundamental piece for changing the paradigm in our way of life for survival on the planet. This work has the general objective of rescuing the history and trajectory of two puppet theater groups that stand out in relation to the theme of environmental education in Rio Grande do Sul (RS). The research had a qualitative approach and used the following techniques: documentary research, interviews and experience reports. It was found that from the 2000s onwards there was a large gap in artistic actions involving environmental education, where the State stopped encouraging policies with environmental themes. However, it is clear that the current moment is a resumption of actions by artists and theater groups, based on notices to encourage Culture, mobilizing environmental education once again. Finally, it was observed, through the trajectory of the two puppet theater groups researched, how much theater is a bridge between art and education.

KEYWORDS: Art; Education; Environment; São Francisco de Paula.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi produzido no curso de Especialização em Práticas de Sustentabilidade Ambiental, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Unidade Hortênsias em São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul (RS). O tema da educação ambiental (EA) tem sido uma tônica na atualidade, em meio as discussões sobre a crise climática e o desenvolvimento sustentável.

Porém, não é de agora que inúmeros trabalhadores da área das artes (artistas, oficineiros, músicos, escritores, *videomakers*) estão mobilizados desenvolvendo seus ofícios tendo o ambiental como mote nos seus trabalhos. Desta forma, apresentamos aqui alguns elementos que compuseram a cena do teatro de bonecos da década de 1990 à atualidade, a partir de duas companhias teatrais: Bonecos Gigantes, companhia dirigida pelo diretor Cacá Sena, em Porto Alegre e Companhia Mundo Novo Teatro de Bonecos criada em 2005 no município de São Francisco de Paula e dirigida por Túlio Garcia de Souza.

A pesquisa teve abordagem qualitativa e lançou mão das seguintes técnicas: pesquisa documental, entrevistas, relato de experiência e pesquisa em sites da internet. Foram realizadas entrevistas com três interlocutores com trajetórias no Teatro de Bonecos. As entrevistas foram gravadas via *google meet* e, posteriormente, transcritas servindo de base aos relatos inseridos neste texto. Além disso, em relação à Companhia Mundo Novo, o artista Túlio Garcia de Souza, um dos autores deste texto, realizou um relato pessoal para suprir as informações para construção do relato de sua trajetória na companhia e como atuador nos Bonecos Gigantes.

As duas companhias foram criadas com foco em ações de educação ambiental, portanto, cabe aqui resgatar alguns elementos que fazem parte desta história: os projetos,

as parcerias com o poder público, os espetáculos, os materiais utilizados em cena, os personagens, os figurinos e as conexões com a educação ambiental.

Além disso, propomos algumas reflexões sobre educação, mais especificamente, as formas de nos reaproximar dos nossos sentidos buscando uma visão mais “integrada” do corpo humano e do ambiente que o cerca, fazendo desta conexão a possibilidade da criação de memórias e experiências significativas em educação ambiental, através dos cinco sentidos. Por fim, afirmamos que o teatro de bonecos, enquanto linguagem lúdica e criativa tem o poder de criar estas pontes entre arte e ambiente.

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

No livro Educação Ambiental e Cidadania, Cenários Brasileiros (2010), no capítulo intitulado “Educar e Cultivar Ambientes”, a autora Marta Catunda, Doutora em Educação e Meio Ambiente, comenta:

O ambiente escolar no geral não é nada estimulante como lugar e pouco agradável como espaço de viver e conviver. Raras escolas oferecem uma arquitetura, ou possuem um ambiente aprazível para ser utilizado. Soluções simples como a pintura das paredes e a reorganização dos espaços convencionais entulhados de painéis e de murais sem nenhum tratamento visual. (Catunda, 2010).

A autora aponta para a importância dos sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato, para exercitar a percepção como atividade de “estender-se” para o mundo e de reflexão sobre a ação de educar. Em um momento em que a vida intermediada revoluciona a atividade educativa, os sentidos podem e devem ser compreendidos não de forma isolada, mas que, se combinados podem fornecer uma visão renovada do universo educacional.

Para Catunda (2010), mesmo com a tentativa de fusão das disciplinas clássicas em áreas comuns, no Plano Curricular Nacional (PCN), no chamado eixo transversal, a educação ambiental e cidadania encontram barreiras e inércia, com tendência a renomear os objetivos, mas mantendo basicamente a direção do ensino no estado em que está.

“Ambientar é estar” na relação da educação com o ambiente e poderemos perceber que estar ambientado é pertencer a algum lugar, é antes de tudo uma impressão sensível de sentir calor, ou frio, odores, tocar corpos, objetos, texturas, ouvir os sons a nossa volta. Porém, a autora argumenta que os odores insuportáveis de rios poluídos, o bombardeio de imagens apelativas vai tornando o nosso aqui e agora fluido, movediço, instável. Ela complementa que o indivíduo está em deslocamento, mesmo sem sair do lugar e a relação do próximo e com o distante torna-se relativo e radical (Catunda, 2010).

As tecnologias transformam a relação que temos com o espaço e a memória, onde o conceito de lugar é posto em xeque. “A velocidade, ao constituir-se num espaço a um só tempo, real e virtual, forma um não lugar” (Catunda, 2010). Assim, mesmo sem perceber, vamos redimensionando nosso ambiente e nosso modo de nele estar.

Paul Virilio (1993), em “O espaço Crítico - As perspectivas do tempo real”, alega que estamos passando por uma profunda alteração de sensibilidade, já que a velocidade equivale a um “desaparecimento na mobilidade, multiplicando ausências, esquecimentos”, um fenômeno de desterritorialização e reterritorialização, que também acontece em escala macrossocial das nações e continentes, ou seja, o conceito de fronteiras precisa ser revisto.

Em “Corpo, Natureza e Cultura: Contribuições para a Educação”, as autoras Maria Isabel Brandão de Souza Mendes e Terezinha Petrucia da Nóbrega (2003), apontam que a educação ao se pautar nos pressupostos racionalistas da modernidade tentam instituir códigos morais que ditam condutas, reprimindo as possibilidades de expressão do corpo, estabelecendo um distanciamento entre a aprendizagem e as experiências sensíveis, e que este fato se deve pelo desejo de querer um mundo durável, que quantifica, mede e considera os sentidos como enganadores.

A percepção, na concepção de Merleau-Ponty (1999), ocorre na interação entre sujeito e objeto, através do entrelaçamento do corpo com a experiência vivida. Segundo Nóbrega (2000), “a educação ainda recebe influências do pensamento cartesiano, de uma visão dualista”. O corpo humano ao ser comparado a uma máquina hidráulica, recebe uma educação que o considera apenas em seus aspectos mecânicos, sem vontade própria, sem desejos e sem reconhecimento da intencionalidade do movimento humano. O pensamento de Descartes, fundado no domínio da natureza, influencia a educação através da racionalização das práticas corporais, através de princípios como utilidade e eficiência, busca-se a padronização dos corpos, e os gestos vão sendo controlados, embasados na racionalidade corporal.

Segundo Rodrigues (1999), a visão que desencadeia a fragmentação do corpo, impedindo, inclusive que ele seja visto como parte da natureza, foi consequência de um processo não meramente casual, pois o período histórico coincide com a consolidação da sociedade capitalista, pretendendo-se, naquele momento, transformar os corpos em instrumentos funcionais, espécie de máquina. A imobilidade das coisas que nos cercam talvez lhes seja imposta pela nossa certeza de que essas coisas são elas mesmas e não outras, pela imobilidade de nosso pensamento perante elas. (Proust, 1981 *apud* Guimarães, 2010).

Também no Livro “Educação Ambiental e Cidadania Cenários Brasileiros” (2010), Leandro Belinaso Guimarães, no capítulo “O Educativo - Ambiental – Construído sob o Binarismo Natureza/Cultura nos Limiares do Terceiro Milênio”, argumenta sobre as tensões históricas e culturais que os educadores enfrentam, frente à:

[...] nova ordem mundial das tecnologias da comunicação, pela sociedade da informação, pelos movimentos diáspóricos ligados ao fenômeno da globalização, pela política cultural ligada a pós-modernidade e por desenvolvimentos educacionais tais como o multiculturalismo e a pedagogia crítica. (Guimarães, 2010).

O autor complementa que há pouco espaço para certezas, verdades últimas sobre as ações pedagógicas. Nesse sentido o autor sustenta que o momento para o campo da educação ambiental, em vez de buscar estabelecer verdades, seja propício para as dúvidas, para o surgimento de “outros problemas”, e retoma Proust, as coisas podem se tornar móveis, tornarem-se “outras coisas” sob um pensamento também móvel.

Conforme Guimarães (2010) “precisamos estar convictos da impossibilidade de uma educação ambiental sob a égide do cartesianismo, ao mesmo tempo reconhecer que nossa constituição e da EA está mergulhada na dualidade cartesiana, natureza/cultura”. Desconstruir essas representações hegemônicas de como devemos nos relacionar com os diferentes seres e esferas socioambientais e construir coletivamente histórias, resgatar tradições históricas de relações locais, com as possibilidades representacionais que nos são vendidas pelas pedagogias culturais das sociedades, poderá contribuir na instituição de subjetividades mais solidárias e de relações socioambientais menos predatórias sobre os não humanos.

No texto “Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação (2004)”, a autora Isabel Cristina de Moura Carvalho argumenta sobre a diversidade de abordagens na EA, e propõe a EA crítica, defendendo o pensamento crítico e a busca de formar sujeitos ecológicos comprometidos com a justiça social e ambiental. Segundo a autora existem práticas agrupadas sob o conceito de EA, como: popular, crítica, política, comunitária, formal, não formal, para o desenvolvimento sustentável, conservacionista, ao ar livre, para a solução de problemas, dentre outras. Para ela, o conceito de Educação Ambiental é, por si só, efeito de uma adjetivação, que é atribuído ao substantivo “educação”:

Poderíamos nos perguntar por que tantos adjetivos? O que significa o fato de haver uma tipologia tão variada quando se fala em educação ambiental? O que isto sinaliza sobre o tipo de produção teórico-conceitual nesta área? Que projetos pedagógicos e concepções de mundo guarda cada um destes atributos? (Carvalho, 2004, p.4).

A autora se refere a estes atributos da educação como marcas e desejos socialmente compartilhados, não individuais. Estas marcas inscrevem algo que não estava sempre aí, na educação em seu sentido mais genérico:

Deixam aparecer algo novo, uma diferença, uma nova maneira de dizer, interpretar e validar um fazer educativo que não estava dado na grande narrativa da educação. Trata-se, assim, de destacar uma dimensão, ênfase ou qualidade que, embora passe a ser pertinente aos princípios gerais da educação, permanecia subsumida, dividida, inviabilizada, ou mesmo negada por outras narrativas ou versões predominantes. (Carvalho, 2004, p.4).

Apesar dos argumentos seria muito difícil reduzir a diversidade dos projetos educativos a uma só ideia geral e abstrata de educação onde possa se incluir a Educação Ambiental (Carvalho, 2004).

O que se arrisca apagar sob a égide de uma educação ideal desde sempre

ambiental são as reivindicações de inclusão da questão ambiental, enquanto aspiração legítima, sócio-históricamente situada, que sinaliza para o reconhecimento da importância de uma educação ambiental na formação dos sujeitos contemporâneos. (Carvalho, 2004, p.5).

Para Carvalho 2004, a especificidade da EA, é a de poder compreender as relações sociedade e natureza e poder intervir nos problemas e conflitos ambientais. É nesse sentido que o projeto político-pedagógico de uma educação ambiental crítica, seria o de contribuir com a mudança de valores e atitudes na formação de um sujeito ecológico com subjetividades orientadas por sensibilidades solidárias com o meio social e ambiental, capacitando indivíduos e grupos sociais que possam identificar, problematizar e agir nas questões socioambientais, tendo a ética e a preocupação com a justiça ambiental como horizonte (Carvalho, 2004).

RESGATANDO A HISTÓRIA DO TEATRO DE BONECOS

A cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, tem uma tradição, tanto “bonequeira”, quanto no trato de suas questões ambientais que remontam a década de 1970. A partir do final dos anos 1990 a pauta ambiental tomou força e as ações educativas e de conscientização ambiental contaram com a parceria de alguns grupos de Teatro de Bonecos.

Essas ações educativas e de sensibilização ambiental, tinham como parceiras as Instituições do Poder Público, como a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA) e a Fundação Estadual de Proteção Ambiental (FEPAM). As apresentações e oficinas eram realizadas junto às comunidades e em locais públicos de grande fluxo de pessoas com sensibilidade ambiental, com acesso universal e gratuito.

Bonecos Gigantes

Um destes grupos, os “Bonecos Gigantes”, ainda em atividade, foi criado pelo diretor, bonequeiro, marionetista, construtor de bonecos e de cenários, adereços e criador de roteiros, Carlos Mezek Sena ou Cacá Sena. Com 40 anos de profissão, sendo ele a terceira geração de bonequeiros da família, criou peças como Histórias e Pré-Histórias, Bonecos Gigantes da Cidade, Teatro dos Seres Imaginários (que completou 10 anos em 2024), também trabalhou em programas televisivos como a TV Colosso, Programa da “Angélica” (Rede Globo) e filmes como Castelo Rá-tim-bum.

Os Bonecos Gigantes nascem em 1996 em uma oficina realizada pelo diretor “Cacá” Sena, que tinha como ideia-chave a criação de bonecos gigantes, cujo roteiro fosse baseado nas “vozes da cidade”. A oficina teve recursos do FUMPROARTE (lei de incentivo à Cultura), da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre. O diretor comenta que

teve como inspiração os Bonecos Gigantes de Olinda e o grupo estadunidense, *Bread and Puppet Theater*, de Nova Iorque, que atua desde a década de 1960 com temáticas de cunho social e ambiental,



Figura 1 - Boneco Lixão, Porto Alegre/RS – 1996

Fonte: Bonecos Gigantes (1996).

Segundo o diretor, a ideia era formar um grupo com a temática urbana, cujos espetáculos criassem roteiros a partir das vozes da cidade. Cacá Sena comenta que seu “melhor boneco” foi construído durante esta oficina. O Boneco Lixão tinha 3,5 metros de altura e foi confeccionado com papelão reciclado, tendo que ser manipulado por 5 pessoas. Este personagem contracenava com outros personagens como a Gari Esmeralda, também uma boneca de 3,5 metros, esta manipulada por uma pessoa. O espetáculo falava sobre disputa dos espaços urbanos, entre pedestres, ônibus, sons, que ao fim e ao cabo deixam muito “lixo” nas ruas, abordando a questão ecológica.



Figura 2 – Bonecos Gigantes “Ônibus”, Porto Alegre – 1996

Fonte: Bonecos Gigantes (1996).

Dentre as disputas aos espaços urbanos, onde pessoas, veículos, o corre-corre dos centros urbanos, o ônibus, o transporte do trabalhador, representa os fluxos, o ir e vir, e o tempo que não para. O lixo, representado pelo Boneco Lixão, que é carinhosamente recolhido e dele nasce o Boneco Esmeralda, reconhecido pela personagem Esmeralda. Eles se apaixonam e dançam alegremente uma valsa, celebrando a união entre eles.



Figura 3: Bonecos Gigantes, Esmeralda e Lixão Porto Alegre - 1996

Fonte: Bonecos Gigantes (1996).

Nos anos 2000, o Grupo Bonecos Gigantes, recebe um convite da SEMA para construção de um projeto baseado na temática da água. Assim nasce o espetáculo de rua, “Águas Limpas”. O espetáculo acontecia diretamente à beira mar, gratuitamente, durante toda temporada de verão, em todas as praias do litoral norte gaúcho.



Figura 4 – Caminhão da SEMA que transportava os materiais do espetáculo

Fonte: Bonecos Gigantes (2000).

No espetáculo Águas Limpas, os personagens (turistas), desembarcavam na praia para o seu lazer e para fazer um piquenique, porém, em vez de colocar seus resíduos em locais apropriados, colocavam diretamente na areia. Os personagens crianças, que brincavam na areia, ao ver a atitude dos “adultos”, imediatamente tratavam de recolher aqueles resíduos, colocando-os em locais apropriados, separando o lixo seco do orgânico, dando assim, um exemplo de comportamento ecologicamente correto.

Elaine Regina atriz, bonequeira, produtora, focalizadora em Danças Circulares, participante de vários coletivos, como Varanda Cultural, Coletivo Dandô, Bonecos Gigantes, Teatro dos Seres Imaginários, e, atriz do elenco comenta: “quando chegávamos na praia tínhamos que varrer a areia, para poder fazer o espetáculo”; ela observa que “várias pessoas largavam o lixo ali mesmo onde aconteciam as apresentações que falavam da questão ambiental”.

Sílvia Ferrari atriz e bonequeira, formada pelo Teatro Escola de Porto Alegre (TEPA) e que participou dos espetáculos dos Bonecos Gigantes e Teatro dos Seres Imaginários, lembra que “naquela época a questão ecológica era separação de lixo e que a retomada da questão ambiental é urgente”. A construção dos bonecos e adereços eram a partir de materiais reciclados, como espuma, papelão e tecido para representação do mar, demonstrando de forma criativa a reutilização de materiais na construção de espetáculos de teatro de animação. A adesão do público aos espetáculos era imediata, com folders educativos, sacolinhas para depositar o lixo distribuídas pela SEMA, fazia-se Educação Ambiental.



Figura 5 – Público à beira mar assistindo o espetáculo Águas Limpas – 2000

Fonte: Bonecos Gigantes (2000).

A partir do projeto Águas Limpas, os Bonecos Gigantes são convidados a participar do projeto “Circo Ambiental”, projeto da SEMA e FEPAM com o mote: “Uma Reciclagem de Ideias” e que foi apresentado em diversas cidades do Estado.

O Circo Ambiental é um projeto da Secretaria Estadual do Meio Ambiente (Sema) e da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam). O espetáculo tem direção de Élcio Rossini e acontece sob uma lona. Este é o único circo reciclável do mundo, pois o figurino das personagens é confeccionado exclusivamente com materiais reaproveitados, como tecidos, plásticos, CDs, discos em vinil, argolas das latas de alumínio e muitos outros objetos.

As principais estrelas do circo são o Mister Eco, um animado apresentador, e a Recicleide, defensora da vida no planeta. O espetáculo ainda traz os palhaços Coco Limpeza e Chip Pureza e os malabares Kid Sujão e John Polution. O músico Gugu Balada faz toda a platéia cantar com ele letras sobre o tema ambiental. Também participam os bonecos Lixão (com 4 metros de altura, feito de papelão), a Esmeralda (com 3 metros) e o Sanfona. (SEMA, 2002, s/p).

O Circo Ambiental era o “único circo reciclável do mundo”, com os figurinos confeccionados exclusivamente com materiais reaproveitados como CDs, plásticos, tecidos, latas de alumínio, garrafas pet, dentre outros. Seus personagens fazem alusão ao tema, como o apresentador Mister Eco e sua assistente Recicleide, os palhaços, Coco Limpeza e Chip Pureza, os malabaristas Kid Sujão e John Polution, o músico Gugu Balada e o boneco Lixão, completavam o elenco.

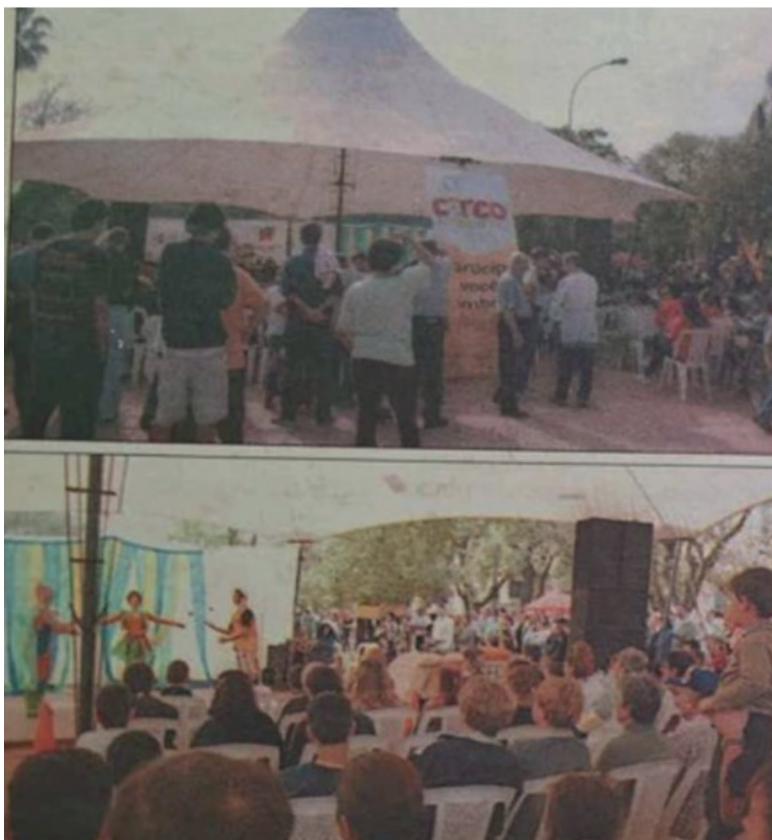


Figura 6 - Projeto Circo Ambiental, Brique da Redenção, Porto Alegre/RS - 2001

Fonte: Correio do Povo (2001); Karina Signori (2024).

O projeto do Circo Ambiental teve como meta percorrer todas as regiões do Rio Grande do Sul. Além das potencialidades artísticas, dos materiais utilizados e das mensagens transmitidas através das diversas linguagens, se caracterizava por ir aonde o público está. As enormes diferenças sociais e econômicas dentro do País impedem o acesso as atividades artísticas à imensa parcela da sociedade, principalmente em localidades distantes e periferias por todo Brasil.

Usar a linguagem mágica do circo para chamar a atenção sobre a preservação ambiental. Com esse intuito, foi lançado ontem, no Brique da Redenção, o projeto Circo Ambiental. Criado pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA), a iniciativa irá percorrer o RS, fazendo uma apresentação por mês em cada Região do Estado. O espetáculo, no qual são utilizados a alegria circense para envolver o público nos vários quadros que trabalham os quatro elementos da natureza, conta com 12 personagens, com figurinos e alegorias confeccionadas com material reciclado. O titular da secretaria, Claudio Langone, estava presente à apresentação e disse que o trabalho desenvolvido, já é referência no País. (Correio do Povo, Agosto, 2001).

A experiência vivida mostrou que os problemas ambientais se assemelham, em tempo e espaço. A percepção das comunidades tem sobre o que as questões ambientais representam para a vida atual e para as futuras gerações, em quase sua totalidade, por onde os projetos dessa natureza acontecem, revelam que a presença do Poder Público, seja em ações de saneamento básico, coleta seletiva e de resíduos domésticos assim como a Educação Ambiental, teriam a mesma efetividade, na proporção direta e inversamente proporcional da ausência destas políticas e da degradação social e ambiental.

Companhia Mundo Novo de Teatro de Bonecos

A Companhia Mundo Novo de Teatro de Bonecos nasceu em 2005, no interior do município de Taquara, trazendo em seus espetáculos a questão ambiental como pano de fundo. Utilizando recursos criativos para driblar a falta de recursos financeiros enfrentados pela família, o artista Túlio Garcia de Souza, criador da Companhia, passou a utilizar materiais encontrados no lixo (colchões, tecidos, tintas), trazidos para casa por um processo de acumulação vivido por um dos membros de sua família, passando a enxergar naqueles materiais muitas possibilidades e uma forma de inclusão, através da arte, desta pessoa que vivencia uma situação de doença mental.

Túlio viu que, ao reunir os materiais reciclados e o teatro de bonecos, através das experiências adquirida nos Bonecos Gigantes, poderia divulgar a temática ambiental, e gerar renda para a família sendo o teatro de bonecos um catalisador também de união familiar. Após dois anos de apresentações na região de Taquara (RS), a Companhia fez uma pausa. A Companhia retoma suas atividades somente em 2015, atuando em atividades promovidas pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) Hortênsias, em São Francisco de Paula, como discente do curso de Administração Rural e Agroindustrial, contando com a participação de sua filha, Ana Coronas, pintora, muralista e aluna do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental na mesma Universidade.

Nesse período Túlio trabalhou como arte-educador, realizando oficinas de musicalização no Centro Integrado Social (CIS), em projetos de educação musical na Fundação Projeto Terra e, na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de São Francisco de Paula. O grupo desenvolvia pelo menos uma peça teatral por ano, trazendo as pessoas com deficiência como atores, na confecção de figurinos e na criação dos personagens, através do processo de criação coletiva, concomitantemente ao teatro de bonecos. Após as paralisações das atividades, nos anos de 2020 à 2022, em função da pandemia da Covid-19, a Companhia Mundo Novo retomou suas atividades através do Edital da Lei de Incentivo à Cultura Paulo Gustavo, com o projeto “Companhia Mundo Novo em Movimento”, aludindo à retomada das atividades pós-pandemia e das atividades do grupo com novo elenco, formado por Túlio, Ana Coronas e o produtor musical, arranjador e multi-instrumentista, Régis Moewius.



Figura 7 – Componentes da Companhia Mundo Novo - 2024

Fonte: Companhia Mundo Novo (2024).

O projeto previa dois espetáculos, “O Voo da Arraia” e “Jack e as Borboletas”, com os recursos do edital que previa a compra de materiais, estrutura de apresentação dos espetáculos, iluminação e som, assim como composição e gravação de trilha sonora e confecção de figurinos para o grupo.



Figura 8 – Espetáculos Vôo da Arraia (A) e Jack e as Borboletas (B), Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Francisco da Costa Lisboa, São Francisco de Paula/RS - 2023

Fonte: Companhia Mundo Novo (2023).

Em 2024 foram 30 apresentações, seguidas de workshops sobre a construção e manipulação de bonecos, apresentando os espetáculos, “O Voo da Arraia” e “Jack e as Borboletas” e o “O Senhor das Bergamotinhas” (em alusão à Festa da Bergamota e das Flores, em São Sebastião do Caí), além de oficinas de musicalização, utilizando, além de instrumentos como tambores, guitarra, flauta doce, conduzidos por um boneco, em ações educativas, preenchendo um espaço importante nas ações de cunho educativo com temática ambiental com uma linguagem lúdica e visualmente inspiradora.

Os espetáculos e *workshops* são voltados aos mais variados públicos e faixas etárias, tendo como diretriz a democratização do acesso ao teatro de bonecos de forma gratuita para comunidades menos favorecidas, Centros de Convivência, APAEs, Universidades públicas, Centro Integrado Social, escolas públicas periféricas, mas também podendo ser contratados por particulares, assim como desenvolvendo projetos e criações com temas específicos.

O espetáculo “O Voo da Arraia”, foi criado a partir de sobras de material de EVA na construção do boneco de uma Arraia Manta. A partir deste boneco e dentro da temática do mundo submarino, novas ideias foram surgindo como as águas vivas construídas a partir de sacolas plásticas; rede de pesca de arrasto (trazendo a problemática da pesca predatória) com alambrado plástico de obra; a hélice de um navio a partir da hélice de um ventilador (falando da poluição dos mares e oceanos por combustível fóssil); uma moreia com sua estrutura feita de canos de P.V.C e EVA; e uma água viva gigante a partir de um guarda-sol, com inspiração nos “Bonecos Gigantes”.



Figura 9 – Espetáculo Voo da Arraia, Companhia Mundo Novo - 2023

Fonte: Companhia Mundo Novo (2023).

O espetáculo “O Voo da Arraia”, transforma o ambiente em que é apresentado (sala de aula, auditório, palco etc.) em um mundo submarino, utilizando-se de tinta neon nos bonecos e luz Ultra Violeta. A ideia de levar o teatro de bonecos com a proposta de criar um ambiente totalmente diferente do habitual, demonstra através dos materiais utilizados para os bonecos e os cenários, ideias criativas que estão ao alcance dos professores, alunos, educadores em geral. Além disso, explora luzes, sombra, sons e silêncio, em atividades corporais, no jogo teatral e na construção e manipulação de bonecos, na construção e contação de histórias, a partir da imaginação ou da pesquisa.

A questão da “ambientação”, surge a partir das práticas corporais em EA, e das paisagens sonoras para a criação, ou ainda a simulação de ambientes ou instalações que permitam o público “estar” presente e sentir as emoções trazidas para o espaço, através do teatro de bonecos.

Em “Jack e as Borboletas”, o grupo apresenta a temática do uso excessivo da internet e equipamentos eletrônicos, principalmente por jovens e crianças em idade escolar. Essa questão tem sido motivo de discussão e da implementação de leis em países que decidiram adotar medidas restritivas como, por exemplo, a limitação do uso de celulares durante o período de aulas, recentemente também adotado no Brasil.

Enquanto o menino “Jack” está imerso no mundo virtual, em frente ao seu computador, algumas borboletas que entram furtivamente pela janela de seu quarto, passam a brincar com o garoto que, insistentemente as afasta por não querer interagir, ele está focado apenas na tela do computador, até que o personagem se rende às insistentes provocações das borboletas e acaba deixando a “realidade virtual” de lado para vivenciar a experiência de brincar com elementos da natureza.

Os bonecos foram confeccionados a partir de espuma reutilizada de colchões velhos, tecidos e radiografias para confecção das borboletas. A identificação do público, principalmente das crianças com o protagonista é imediata e a mensagem é compreendida com facilidade pela forma com que o conteúdo é transmitido, demonstrando que é preciso fazer uma conexão entre quem transmite e quem recebe a mensagem para que ela seja compreendida.

A linguagem do teatro de bonecos tem esse poder, essa potência e proporciona o desenvolvimento da criatividade, através da animação de objetos e da criação de personagens a partir da realidade ou da ficção, além de desenvolver habilidades motoras e de observação, e o prazer em utilizar o texto escrito ou de forma oral.

Os sons/as sonoplastias que podem captar ou imitar os sons do ambiente, enquanto uma “paisagem sonora” identificável através do volume, timbre e sua natureza, assim como os “barulhos” (poluição sonora), fazem parte do nosso dia a dia e compõe uma série de ferramentas, que orientam nossos sentidos e nos conectam ao ambiente que vivemos. Isso pode ser representado, captado e reproduzido para fazer teatro de bonecos.

Em 2025, a Companhia Mundo Novo de Teatro de Bonecos, a partir do incentivo da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB), seguirá atuando com oficinas de construção de bonecos e espetáculos, direcionadas aos municípios “atingidas pelas enchentes” de maio de 2024, que ocorreram no RS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso estar lá no momento em que a onda quebrar! É o que afirma o antropólogo Tim Ingold. É preciso respirar fundo e sentir o ar, os cheiros, as sensações do clima, as texturas e os sons. É preciso fazer força para transportar nosso corpo de um lugar ao outro. Também estar com outros, na casa, no trabalho, em meio à natureza. É preciso ter memórias. É preciso lembrar das memórias.

Nossos melhores arquivos, com toda certeza, não são os digitais; nossos melhores arquivos vêm com cheiro, às vezes com dor, com saudades, risos e lágrimas; e, com aquele som ao fundo, “do que era mesmo... parecia...”. É possível ouvir qualquer história desde que contada com emoção, carregada de sentimentos. O teatro é um pouco de tudo isso e o Teatro de Bonecos é ainda mais, porque são bonecos que podem trazer alegria, diversão, informação e críticas.

Fazer teatro de bonecos e educação ambiental na década de 1990 era bem diferente, porém, mesmo com pouca informação e divulgação esse papel foi assumido pelos Bonecos Gigantes que atingiam o público por meio da sensibilização ambiental. Os bonecos e os espetáculos cumpriam essa função, falando sobre meio ambiente, distribuindo material impresso e gerando campanhas de conscientização.

A experiência em Educação Ambiental vivida por meio da Companhia Mundo Novo, vinte anos depois, em 2024, foi surpreendentemente intensa, principalmente pelo *feedback* recebido do público. Poderia se inferir que em pleno ano de 2024, o teatro de bonecos não teria impacto diante das mídias digitais, o que não tem se comprovado. Nesse sentido, a transformação de uma sala de aula, a partir dos elementos teatrais, som, iluminação, *fog*, ventiladores e bonecos, passa a ser uma ferramenta poderosa de educação.

O momento atual é de retomada dos grupos de bonequeiros que tem na sua proposta a educação ambiental. Após um longo período de retenção de verbas, o governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva retoma os investimentos no setor cultural popular e também as políticas ambientais. Positivamente pode-se dizer que o Brasil, através de suas instituições e legislações, fez com que a EA chegasse em todos os níveis do ensino formal. Porém, ainda restam críticas a forma com que ela vem sendo aplicada: desconectada com as realidades locais. Ou seja, em alguns âmbitos perece a velha premissa: “levar o lixo” para dentro das escolas quando o que verdadeiramente precisamos é da reciclagem de ideias na EA!

Cabe ressaltar ainda, que a situação dos artistas no País ainda carece de maiores incentivos e políticas, pois grande parte destes profissionais subsistem de pequenas apresentações, por vezes em locais inapropriados, baixa remuneração, em suma, se afastando do seu papel frente cultura.

A percepção de que o teatro de bonecos é assunto para criança, vem sendo desmistificado, quando o público e as instituições de ensino percebem as amplas possibilidades desta ferramenta, fugindo do estereótipo do boneco infantilizado. Uma Arraia voando pela sala, ou uma Água Viva saindo de um guarda-sol, navegando pelo palco, transcende a visão do senso comum, de que a sala de aula é só a sala de aula. A sala de aula também pode se tornar um mundo submarino, ou com bonecos que podem voar e que tudo é possível através da imaginação.

É preciso baixar o volume das sirenes, qual chão de fábrica que condiciona e ensurdece. Paredes são verdadeiros murais, painéis, molduras. Muros que podem ser derrubados com a imaginação, e que através do teatro de bonecos, eles podem ter vida!

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea:** consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2008.

CARVALHO, Isabel C. de M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES; Philippe P. (coord.) **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

CATUNDA, Marta. Educar e Cultivar Ambientes. In: NOAL, Fernando Oliveira; BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. (Orgs.). **Educação ambiental e cidadania:** cenários brasileiros. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação.** 5.ed. Campinas: Papirus, 1995.

GUIMARÃES, Leandro B. O Educativo - Ambiental – Construído sob o Binarismo Natureza/Cultura nos Limiares do Terceiro Milênio. In: NOAL, Fernando O.; BARCELOS, Valdo H. L. (Orgs.). **Educação ambiental e cidadania:** cenários brasileiros. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, reimpressão, 2010, p. 327-342.

MENDES, Maria I. B. de S.; NÓBREGA, Terezinha P.; Corpo, Natureza e Cultura: contribuição para educação. **Revista Brasileira de Educação**, núm. 27, set-out-nov-dez, 2004, pp. 125-137.

NÓBREGA, Terezinha P. **Corporeidade e Educação Física:** do corpo ao corpo-sujeito. Natal: EDUFRN, 2000.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa nacional de educação ambiental – ProNEA.** Diretoria de Educação Ambiental. Coordenação Geral de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999. (Coleção Antropologia e Saúde).

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE E INFRAESTRUTURA – SEMA. **Circo Ambiental**. 2002. Disponível em: <https://sema.rs.gov.br/circo-ambiental-no-anfiteatro-por-do-sol>

SIGNORI, Karina. **Recicleide**: andanças pelo Brasil: 25 anos de história. Florianópolis; Recicleide Arte e Educação Socioambiental, 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. Centro Informação das Nações Unidas, 2015. Disponível em: <http://sustainabledevelopment.un.org>.

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico** – As Perspectivas do Tempo Real. Rio de Janeiro: Ed.34, Coleção Trans, 1993.